

# O que disseram os desenhos

*Imagens são palavras que nos faltaram.  
Poesia é a ocupação da palavra pela Imagem.  
Poesia é a ocupação da palavra pelo Ser.*  
(Manoel de Barros)

Neste capítulo, minhas anotações de campo virão acompanhadas de um ícone especial (☐), a fim de diferenciá-las, na apresentação dos dados referentes às crianças do grupinho, das falas transcritas. Estas estão grafadas em itálico.

## Desenhos produzidos pelo Jorge

Jorge foi a primeira criança que me chamou a atenção por seu interesse pelas borboletas. Por essa razão, é dele que tenho mais registros, pois, logo que constatei essa característica, procurei acompanhá-lo perto, registrando suas falas.

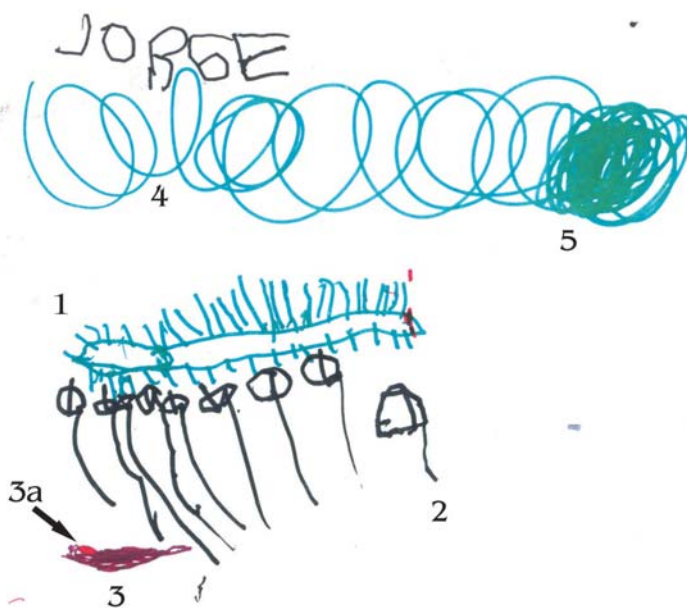
Lembro-me de que, inicialmente, sua curiosidade era sobre as espécies que existiam no Chile, terra natal de seus pais. A Cris foi atrás da informação e levou algumas imagens de espécies comuns ao Brasil e ao Chile.

Ele participava intensamente das rodas, sendo um dos que mais falavam.

Quando desenhava, Jorge compenetrava-se e parava para pensar diversas vezes, como se estivesse tentando se lembrar de algo. Como se verá, alguns de seus desenhos são minuciosos, com grande preocupação em representar a realidade fielmente.

No dia em que a taturana preta foi encontrada, ele era uma das crianças que estavam presentes. Permaneceu observando o animal por um longo período de tempo.

Apresento, a seguir, alguns dos desenhos realizados pelo garoto, juntamente com a transcrição de suas falas que acompanharam esses trabalhos.



**Figura 33** – Desenho realizado por Jorge, em 28 de abril.  
1- taturana; 2 - folhas; 3 - casulo; 3a - bolinha; 4 - vento; 5 -barulho do vento




Este desenho foi realizado em 28 de abril, alguns dias depois de a taturana ter sido encontrada.

Nesse momento, o animal já havia formado o casulo, e foi observado durante a roda. Surgiram vários comentários sobre seu o aspecto do animal, antes e depois da transformação.

Depois da conversa, a educadora arrumou a sala, colocando mesas e cadeiras para as crianças desenharem. Ficaram, então, organizados em grupos com quatro integrantes. Jorge sentou-se à mesa com Flora, Wagner e Amanda.

1. A Cris propôs a atividade: *Pessoal, vamos desenhar como era a taturana quando a gente encontrou no parque e como ela ficou agora?*
2. Jorge, enquanto fazia seu desenho de taturana, disse para os amigos: *Olha. A taturana (1) tá no vento.*
3. Flora debruçou-se para olhar e ele completou: *Só que eu ainda não fiz o vento.*
4. Quando estava terminando de desenhar, Jorge disse: *Olha. Ela era assim.(...) Ela era assim. Só que eu vou fazer ela no vento.*
5. E, vendo o desenho do Wagner, observou: *Não, assim não é taturana.*
6. Wagner respondeu: *Isto aqui é taturana.*
7. Jorge: *Nem é assim.*
8. Wagner: *É sim. Só que ela está numa pedra.*
9. Flora: *Deixa ele fazer do jeito dele.*
10. O menino ficou alguns instantes calado, pensou e reiniciou seu desenho, anunciando: *O ventinho (4). Vô fazê o barulho do vento (5).*
11. Wagner: *Nossa!*
- (...)
12. Jorge: *A borb... a taturana tá pensando na noiva.*
13. Neste momento, a Cris aproximou-se da mesa e perguntou: *Deixa eu ver? Nossa, que legal! Foi assim que nós achamos naquele dia?*
14. Jorge: *Sim.*
15. Ela perguntou, então: *E depois? O que aconteceu com ela?*
16. Jorge respondeu: *Ficou parada.*
17. Cris: *Ficou parada?*
18. Jorge: *Eu também vou fazer.*
19. Cris: *Então faz pra gente ver.*
20. A educadora foi conversar com as outras crianças da mesa e, antes de dirigir-se a outro grupo, reforçou: *Então faz aí, Jorge, como a taturana ficou.*
21. Jorge: *Ai, preciso de cor cinza.*
- (...)
22. Jorge: *Agora eu vou fazer como ela tá agora. Eu vou fazer como ela tá agora, Wagner.*
23. Wagner: *Quem?*
24. Jorge: *Sabe como ela tá agora? Parada. Vai ter um pouquinho de cor marrom. Prá fazer ela como ela tá lá. Preciso de cor marrom prá fazer como ela tá lá.*
25. Flora: *Eu vou fazer a cabecinha. A cabecinha vai ser de vermelho.*
- (...)
26. Jorge: *Eu tô fazendo como ela tá...*
27. Cris: *Olha, que legal.*
28. Jorge, dirigindo-se a Amanda: *Agora, eu preciso dessa cor.*
29. Flora: *Pega da minha. Se você quiser, pode usar a minha. Pega da minha, Jorge.*
30. Jorge: *Parece que eu já terminei.*

31. Flora: *Pode usar Jorge.*
32. Jorge: *Parece que eu passei a tinta de preto.*  
(...)
33. Cris: *Olha que legal. Agora me conta. O que é isto aqui? São as perninhas?*
34. Jorge: *É.*
35. Cris: *E depois? O que aconteceu com ela?*
36. Jorge: *Ficou parada.*  
[ruídos]
37. Jorge: *A planta.*  
(...)
38. Jorge: *Cris, sabe quem é este aqui?*
39. Cris: *Quem?*
40. Jorge: *O vento.*  
(...)
41. Jorge: *Eu já sei escrever o meu nome.*  
(...)
42. Jorge: *Sabe, a Cris não escreveu meu nome. Fui eu.*  
 No dia 8 de maio, a roda começou com uma apresentação dos desenhos produzidos dias antes.
43. A Cris convidou as crianças: *Vamos lá, quem quer contar primeiro pros amigos o que desenhou?*
44. Ao mesmo tempo em que ela falava, Jorge declarou: *Eu fiz a taturana comendo folha.*
45. Cris: *O que você fez Jorge? Mostra prá nós o seu desenho.*
46. Jorge: *A taturana comendo folha.*
47. Cris: *O Jorge disse que fez a taturana comendo folha. Aí nós falamos assim, que nós íamos desenhar como ela estava no dia em que nós encontramos com ela, lembra Jorge? Como ela era?*
48. Jorge: *Ela era assim.*  
[muitas crianças falando ao mesmo tempo]
49. Cris: *Olha o que o Jorge falou, gente. Olha como a taturana do Jorge era. O que que é isso aí em cima, Jorge?*
50. Jorge: *O quê? Isto?*
51. Cris: *Não, isto aqui ó, em cima da taturana.*
52. Jorge: *Eu não lembro.*
53. Cris: *Não sabe? Alguém lembra como a taturana era quando nós encontramos com ela?*  
[ruídos]
54. Cris: *Quem lembra como a taturana era? Você lembra, Flora?*
55. Jorge: *Igualzinho.*
56. Cris: *Igualzinho a esse daí? Olha, o Jorge falou que a taturana era assim – apontando o desenho do Jorge.*
57. Jorge: *Só que depois ela ficou marronzinha.*

58. Cris: *Olha! O Jorge falou que depois ela ficou assim. É assim que ela tá no vidro?*
59. Jorge: *Sim.*
60. Cris: *O que é esta bolinha (3a) aqui, Jorge?*
61. Jorge: *Igualzinho como tá no vidro.*
62. Cris: *Foi o que o Jorge observou aquele dia.*

Pegou o desenho do Jorge, mostrou para todo o grupo e perguntou apontando para a taturana:

63. *E o que é isto aqui que o Jorge desenhou nela aqui em cima?*
64. Jorge: *Igualzinha.*
65. Uma criança respondeu: *Perninha.*
66. Cris: *A perninha embaixo, e em cima?*
67. Jorge: *Tá igualzinho. Você não lembra?*
68. Cris: *É, tá igualzinho. O Jorge tem razão. Ela tinha um monte de pelinho aqui não é?*

Neste momento a educadora passou a comentar os desenhos de outras crianças, solicitando que eles contassem para o grupo o que fizeram, chamando a atenção para os detalhes.

69. Cris, alguns minutos depois, retornando ao desenho do Jorge: *Olha só, Jorge.*
70. Jorge: *Tá de ponta-cabeça.*
71. Cris: *É mesmo. Desculpa. Tá de ponta-cabeça. Olha, o Jorge e as outras crianças fizeram assim quando nós encontramos com ela. E depois, o que nós fizemos? Nós a colocamos onde?*
72. Crianças: *No vidro.*
73. Cris: *E o que aconteceu com ela?*
74. Jorge: *Ficou paradinha.*
75. Cris: *Ficou paradinha assim. Aí, o Jorge a desenhou assim... o Rafael desenhou...*

Nesse desenho, Jorge revelou aspectos interessantes de seu pensamento. Sua representação da taturana foi cuidadosa e procurou incluir detalhes que para ele eram importantes, tais como os pelinhos e as perninhas. Quando observou o animal, lembro-me de que ficou muito admirado com essas estruturas e com nossa orientação para não encostar a mão, pois poderiam queimar.

Convém ressaltar que Jorge viu a taturana uma única vez, e, ainda assim, pôde desenhá-la detalhadamente. Isso indica que o animal chamou tanto sua atenção que sua imagem pôde ser lembrada vários dias depois.

Ao desenhar, apropriou-se de elementos da realidade, dando um toque pessoal a ela. Assim, a “taturana do Jorge” está no vento, não sendo, portanto, uma taturana qualquer.

Iniciou, dessa forma, o desenho do vento, acrescentando, ainda, o barulho deste. Para completar a “personalização” da sua taturana, o garoto conferiu a ela um pensamento: “está pensando na noiva”.

Esses aspectos do desenho de Jorge ilustram o que Vygotsky (2003) diz sobre o fato de que os objetos e ações reais ficam subordinados aos novos significados que ganham na brincadeira. É um deslocamento no campo do significado.

Apesar dessas características pessoais que Jorge atribuiu à sua produção, ele também explicitou o desejo de representar a taturana “igualzinha” como era, e, quando solicitado que explicasse os detalhes da taturana, ele aparentou não entender o pedido da Cris, ou achar desnecessário qualquer esclarecimento, pois, segundo ele, o desenho “tá igualzinho”.

Suas falas revelam quais os aspectos que o levaram a afirmar com tanta convicção que seu desenho estava “igualzinho como era”. Além de ter procurado representar pêlos e pernas – detalhes morfológicos do corpo da taturana –, incluiu informações do comportamento do animal: fê-lo comendo folhas, o que indica uma interação entre esses insetos e as plantas. Quando se referiu à formação do casulo, disse que a taturana ficou parada, e mostrou a preocupação em escolher adequadamente a cor da caneta, incluindo a bolinha amarela que haviam observado. Em outro episódio, durante a conversa, disse que “a borboleta nunca tá acordando” (referindo-se ao casulo mantido na sala) e, em outro ainda, disse que seria preciso contar até mil para que a borboleta saísse do casulo.

Tal como ocorreu com muitas crianças do G4, Jorge atentou para os padrões de alimentação e movimento dos bichos. Com base nas afirmações do garoto, quando se referia à taturana e ao casulo, suponho que ele se utilizava do fato de os animais estarem ou não em movimento como critério de diferenciação das fases de

vida destes. Nos turnos 16, 36 e 75, ele salienta que a taturana ficou parada com a formação do casulo.

Neste episódio, o fato de a taturana ter mudado de cor, durante sua transformação, também foi destacado por Jorge e pelas demais crianças do G4. Isso mostra que a sua preocupação com a escolha da cor da caneta não foi à toa.

O desejo de Jorge de representar fielmente a realidade nos remete às afirmações de Vygotsky. Para este autor, os jogos são importantes por impor regras pelas quais as crianças sentem-se desafiadas a obedecer. E é justamente quando se propõem a cumprir este desafio que conseguem compreender o mundo à sua volta e interiorizá-lo.

Em outras palavras, o cuidado de Jorge com os pormenores em sua representação das borboletas é fruto de seu intenso envolvimento lúdico com a atividade.

Desenhar possibilitou a ele organizar suas idéias e compreender melhor o modo de vida das borboletas, pois, para fazer o desenho, precisou acessar sua memória e reordenar os conhecimentos de modo coerente.

É interessante observar que, para comunicar conhecimentos relativos às borboletas, Jorge incluiu também elementos de outras realidades: sua taturana estava no vento, com barulho de vento e pensando na noiva.

De acordo Vygotsky (2000), toda produção criativa é uma recriação ou reordenação da realidade conhecida.

Evidentemente, Jorge já presenciou o vento, o barulho do vento e já tinha visto noivas. Entretanto, esse agrupamento de elementos – originários de diferentes contextos –, em uma composição única, é produto de sua imaginação.

Vygotsky (2000) chama esse processo de agrupamento pelo nome de associação.



**Figura 34** – Desenho realizado por Jorge, em 8 de maio  
 ovo; 2 - larvinha; 3 - taturana; 4 - um monte de folha; 5 - casulo; 6 - borboleta; 7 - vento; 8 -  
 planta; 9 - borboleta; 10 - ovo; 11 - larvinha; 12 - taturana; 13 - casulo; 14 - borboleta;  
 15 - borboleta; 16\* - nuvens; 17\* - borboleta voando  
 \* Os traçados 16 e 17 não foram interpretados pela criança,  
 estes significados são apenas suposições minhas.



Este desenho foi realizado no dia 8 de maio. Depois de ocorrida a roda – transcrita anteriormente –, a educadora mostrou alguns livros ilustrados que informavam sobre as fases do ciclo de vida das borboletas.

As crianças ficaram muito animadas com as imagens, e todos queriam vê-las ao mesmo tempo. Em seguida, a Cris propôs uma brincadeira em que as crianças deveriam imitar as fases do ciclo de vida.

Terminada a brincadeira, as crianças foram convidadas a desenhar as borboletas, nas cartolinas que se encontravam coladas nas paredes. Dessa forma, permaneceram em pé para realizar o trabalho, em pequenos grupos de duas ou três crianças por cartolina.

O desenho de Jorge aparece numerado à esquerda da Figura 34, ao lado dos desenhos de Vitória e Anna Carolina.





Fiquei filmando durante quase todo o tempo em que o garoto realizou sua produção e fiz algumas interferências enquanto ele desenhava.

Apresento a seguir o diálogo estabelecido entre nós.

76. Celi: *O que você está fazendo, Jorge?*
77. Jorge: *Ela sai do ovinho (1), depois vira larvinha (2), depois taturana (3), depois come um monte de folha (4), depois entrou no casulo (5), saiu do casulo e virou borboleta (6).*
78. Celi: *E aqui?*
79. Jorge: *Uma planta.*
80. Celi: *E isso?*
81. Jorge: *É o vento. (7)*
82. Celi: *Ai Jorge, está lindo! A história da borboleta está inteirinha aí nesse desenho! Você não esqueceu de nada, hein? E ela vai pôr ovo de novo ou não?*
83. Jorge: *De novo?*
84. Celi: *É, de novo não, né? Ela vai botar ovo?*
85. Jorge: *Botar ovo?*
86. Celi: *É. De onde veio este ovinho aqui?*
- O menino apontou a borboleta (6).
87. Celi: *Da mãe dela não é?*
- Ele concordou com a cabeça.
88. Perguntei: *Será que ela vai ser mãe?*
89. Jorge fez um gesto, pulando de braços abertos e imitando o vôo de uma borboleta.
90. Disse: *Foi botar ovo e botou.*
- Desenhou então a borboleta (9) e, em seguida, os ovinhos (10) e a larvinha (11).
91. Fez uma pausa, contemplando o desenho, e eu perguntei: *E aí? Explica o que aconteceu nesse pedaço.*
92. Jorge: *Aqui é a larvinha (11). E eu vou fazer uma taturana (12). Entrou dentro do casulo (13), saiu do casulo (14)...*
93. Parou para pensar um pouco e me indicou com um gesto a borboleta (14): *Aí, daqui foi prá lá.*
94. E desenhou a borboleta (15).
95. Jorge: *Pronto.*



Parou de desenhar como se tivesse concluído. Neste momento Vittoria, que estava desenhando na cartolina ao lado, me chamou para ver seu trabalho e o da Agnês. Fui então filmar o cartaz das meninas.

☐ Posteriormente, ao observar a produção do Jorge, percebi que ele havia acrescentado ainda alguns elementos ao seu desenho: nuvens e uma borboleta (aparentemente voando).

Essa figura produzida pelo menino é bastante rica em detalhes e apresenta diversos elementos. Representou cada uma das etapas do ciclo de vida na seqüência em que ocorrem na natureza.

Ao descrever sua produção, incluiu o fato de a taturana comer muitas folhas, mostrando, mais uma vez, que considera importante a alimentação para a vida do animal. Entretanto, ele associa a alimentação, exclusivamente, à fase de taturana.

Nessa representação, ao contrário do primeiro desenho, em que as folhas apareceram soltas, aqui elas estão presas ao caule da planta, como no ambiente natural. Embora não tenha sido explicitado verbalmente pelo garoto, a planta também é representada como um local de permanência das borboletas – ou fixadas sob a forma de casulo ou descansando e comendo enquanto são taturanas.

Surgiu também um novo elemento no desenho da taturana: ela aparece segmentada. Um dos casulos foi representado com uma borboleta dentro. Embora saibamos ser comum que as crianças façam desenhos do tipo “transparência” nessa faixa de idade, é interessante notar, que, ao contrário das outras borboletas desenhadas pelo garoto, essa apresenta segmentação do corpo, tal como a taturana. Parece ter criado uma fase intermediária entre essas duas. Além disso, representou mais dois casulos, sem nada dentro.

Outra possibilidade é a de que a borboleta estivesse representada “enrolada” ou com as asas dobradas, tal como Jorge disse que a taturana estava dentro do casulo, no episódio de 24 de abril.

Formulando mal a pergunta sobre o início de um novo ciclo, eu o confundi, ao mencionar a possibilidade de aquela borboleta – a que acabou de sair do casulo – botar ovo “de novo” (82). Jorge demonstrou perceber a incoerência da minha

pergunta. Precisei esclarecer que me referia à possibilidade de a borboleta ser mãe (botando ovinhos), para que o garoto desse continuidade ao seu trabalho, iniciando, então, o desenho de um novo ciclo (88 a 91).

Antes de começar a inscrição no papel, fez um gesto imitando o vôo, revelando saber que a borboleta não botaria os ovos no mesmo local em que acabava de sair do casulo.

Desta vez, não representou os ovinhos isolados, mas desenhou a borboleta perto como se estivesse botando os ovos (9). Em seguida, fez a larvinha e desenhou a taturana sobre a planta (10).

As duas taturanas que desenhou apresentam o corpo segmentado, como a taturana capturada e aquelas ilustradas nos livros. Esse aspecto despertou a atenção do menino, passando a fazer parte do conjunto de características que ele atribuiu às taturanas.

Fez, então, o casulo e uma borboleta saindo de dentro dele. Não encontrando espaço no papel para representá-la fora do casulo, no mesmo lado das outras fases deste segundo ciclo, informou-me que o inseto saiu do casulo e voou para o outro lado.

O vôo da borboleta é outro aspecto que se repete várias vezes durante a narrativa de Jorge. Ele fez dois casulos em que as borboletas saem voando, imita gestualmente o vôo e informa-me sobre um outro vôo, para solucionar um problema de distribuição espacial. Talvez isto explique a presença do vento nos dois desenhos. A parte da imagem que eu não vi ser produzida apresenta nuvens e uma borboleta voando.

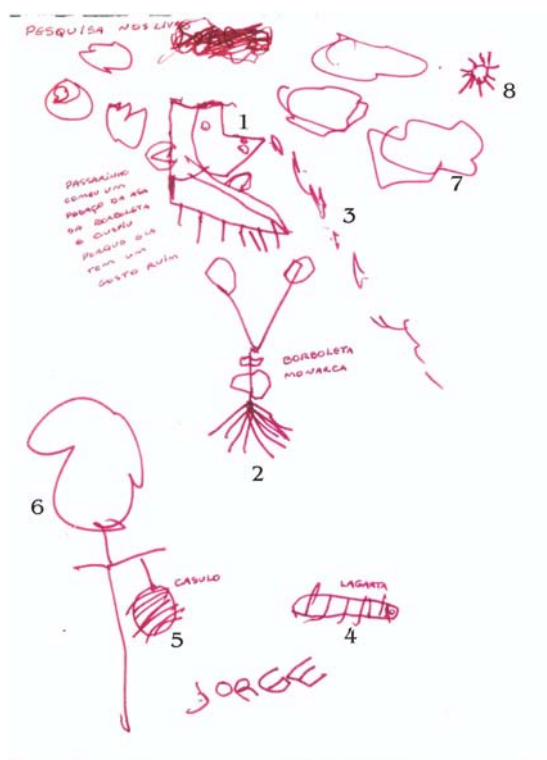
Nesse desenho, o casulo e o ovo são vistos como compartimentos. Ele explicita isso nas falas 77 e 92, quando se refere à mudança de fase de vida como a entrada ou saída desse compartimento.

Jorge mantém um padrão para representar as borboletas. Todas elas apresentam um par de asas, um par de antenas, algumas estruturas na parte de baixo

– que talvez sejam pernas – e o corpo, que é representado por um único traço (sem a idéia de volume).

Os casulos e lagartas também obedecem aos mesmos padrões: casulos pendurados na planta e lagartas segmentadas.

Constata-se que Jorge se apropriou da linguagem utilizada nas ilustrações presentes nos livros consultados, ao representar todas as etapas do ciclo de vida de forma seqüencial, em uma mesma planta, como se fosse possível todas estas fazerem parte, simultaneamente, de uma única cena.



**Figura 35** – Desenho realizado por Jorge, após pesquisa nos livros, em 9 de junho  
1 - passarinho; 2 - borboleta monarca; 3 - pedaços de borboleta cuspidos pelo passarinho; 4 - taturana; 5 - casulo; 6 - árvore; 7 - nuvem; 8 - sol



No dia 9 de junho, as crianças receberam diversos livros para consultarem à vontade. A Cris deu a orientação de que eles deveriam pesquisar sobre o projeto.

Jorge e Alê olharam juntos o livro “A borboleta monarca” e divertiram-se muito, interpretando as imagens com comentários, gestos e sons.



As figuras mostravam uma seqüência em que aparecia, inicialmente, uma lagarta; depois, um casulo; e, finalmente, a borboleta adulta. Em uma das imagens um passarinho aparecia de bico aberto; em outra, havia pedaços de asas e a borboleta encontrava-se voando.

Depois deste momento de pesquisa, a Cris solicitou que as crianças desenhassem o que tinham aprendido com a pesquisa.

Jorge realizou esse desenho e descreveu-o: “O passarinho comeu um pedaço de asa da borboleta e cuspiu porque o gosto dela é muito ruim”.

Quando pedi que explicasse seu desenho, denominou as imagens da seguinte maneira: Passarinho (1); Eu estou fazendo o passarinho cuspiendo a borboleta (2); Borboleta (3); Lagarta (4); Casulo (5); Árvore (6); Nuvem (7) e Sol (8).

Essa cena representada por Jorge repete a apresentação de todas as fases do ciclo de vida juntas, embora elas tenham aparecido em páginas separadas no livro.

A idéia de seqüência entre uma fase de vida e outra não ficou tão evidente nesse caso. Os traços do ciclo são bem mais sintéticos do que na produção anterior, possivelmente pelo fato de que a cena principal aqui seria a do passarinho.

É o primeiro desenho em que Jorge denomina a fase larval de lagarta e não de taturana. Essa lagarta não aparece comendo e apresenta segmentação como as larvas anteriores.

Como no desenho anterior, o casulo aparece preso a uma planta – agora uma árvore. Nesse caso, a planta não tem a função de alimento, mas apenas de lugar de fixação do animal. O padrão anterior quanto às estruturas do corpo é mantido – um par de antenas, apêndices embaixo das asas e ausência de volume no corpo –, com exceção do fato que o adulto ganha mais um par de asas.

As relações alimentares reaparecem de um modo diferente, uma vez que a borboleta passou de consumidor à presa. Apesar disso, ela continua ileso, por ter

sabor desagradável, o que provocou no passarinho a reação de cuspi-la. Desse modo, a borboleta faz um ato heróico, escapando ao predador.

Nesse desenho, como no anterior, há nuvens no céu e o passarinho aparece entre elas. Pode-se reiterar a hipótese de que as nuvens fazem uma alusão ao vôo.



**Figura 36** – Desenho realizado no grupinho.  
1 - flor para a borboleta ficar; 2 - borboletas; 3 - casulo; 4 - joaninha.

Esse desenho foi realizado em 16 de junho, dia em que as crianças organizaram-se no grupinho. Gostaria de ressaltar algumas características gráficas presentes nesse desenho.

Jorge representou duas fases do ciclo de vida do animal: o adulto e o casulo. Note-se que não há lagartas ou taturanas. Entretanto, o casulo assume uma forma completamente diferente da encontrada nos desenhos anteriores e ganha segmentação.

Embora a segmentação já tenha surgido no casulo da Figura 34, naquele caso ela não aparecia no próprio casulo, mas, sim, dentro deste.

A flor é o único vegetal presente e não aparece relacionada a nenhum dos insetos, embora, como se poderá constatar no diálogo do grupinho – transcrito mais adiante, neste capítulo –, ela foi desenhada como local de permanência das borboletas.

A quantidade de borboletas é muito superior às outras formas. Isso se deve a uma atividade de experimentação que o menino estava fazendo com as canetinhas. Ele disse que desenharia uma borboleta de cada cor.

Como se pode observar, o padrão de borboleta mudou novamente, perdendo aquelas estruturas embaixo das asas. Elas ficaram reduzidas a um único traço, que é a continuação da linha do corpo. O corpo continua sem volume, e os dois pares de asas e um par de antenas permanecem.

Note-se que nenhuma vez Jorge representou a cabeça das borboletas, o que contrasta com a representação de sua joaninha, que tem uma cabeça enorme em relação ao corpo.

Todavia, apesar do aparecimento de cabeça na joaninha, esta exhibe feições humanizadas – forma de representação comum nas ilustrações de literatura infantil e entre crianças pequenas.

Creio que ausência de cabeça ou qualquer outra característica humanizada na borboleta pode ser considerada mais um sinal de que esse menino se apropriou da linguagem dos textos científicos, pois, ao desenhar esse animal, explicita as informações que conhece sobre ele. Suas representações foram adquirindo cada vez mais detalhes representativos desse grupo de animais, à medida que o projeto se desenvolveu.

Comparativamente, o desenho de joaninha apresenta muito menos detalhes, levando-me a supor que o menino teve muito pouco acesso a conhecimentos mais sistematizados sobre esse bicho.

## Desenhos realizados por Anna Carolina

Menina falante e participante ativa das rodas, Anna apresentava muita autonomia com os livros. Era notável a facilidade com que interpretava as ilustrações e opinava sobre as figuras, assim que a Cris as mostrava.

Cabe, aqui, comentar algumas idéias que Anna expressou sobre as borboletas, antes de apresentar seus desenhos.

Logo depois do passeio no bosque, o G4 consultou os livros, pela primeira vez. A educadora perguntou o que tinham visto, e Anna manifestou-se, em três oportunidades: “Vi abelha indo no mel”; “Aranha indo na teia de aranha”; “Eu vi uma borboleta na minha casa na teia de aranha. Ela tava morrida.”

Quando a Cris mostrou uma imagem de borboleta mimetizada, Jorge disse que não era borboleta, ao que Anna retrucou: “É sim, porque tem antena”.

Mais tarde acrescentou: “Ela tá se escondendo embaixo da folha”. Em outra ocasião, diante da imagem de uma lagarta, a maioria do grupo chamou o animal de minhoca. Anna disse que era taturana, e Gabi afirmou que se tratava de uma lagarta. Perguntei se havia diferença, e Anna afirmou que a taturana tem um olho só.

Durante a observação do primeiro casulo, que se formou na sala, mencionando o que tinha acontecido com aquela taturana, Anna falou: “Ela entrou numa casca. Olha! Tem uma pintinha amarela na casca.”; “Tinha uma bolinha na casca”. Jorge retrucou e disse que aquilo era da taturana mesmo, porque, lá dentro do casulo, estava escuro. Agnês acrescentou: “Ela tá virando borboleta. A bolinha tá fazendo ela virar borboleta.”

Quando fizeram registros no bloco sobre os desenhos, a menina relatou: “A minha borboleta é aquela que tem gosto ruim, e o passarinho sente o gosto horrível”. Em outra observação do casulo, reafirmou: “ainda tem a bolinha”.

Anna gostou muito da brincadeira de imitar as fases da vida das borboletas, e eu a vi repetir duas vezes essa atividade, espontaneamente, durante horários de parque (em dias diferentes).



No dia em que se propôs a releitura da obra do Redon, mal a atividade fora anunciada, a menina representou, imediatamente, cada fase do ciclo de vida – ovinho, larvinha, lagarta, casulo e borboleta –, utilizando, para isso, argila. Só depois dedicou-se a cumprir a proposta da educadora.

Anna parece não aceitar a possibilidade de que o animal passe tanto tempo sem comer. Durante uma discussão sobre o que poderia acontecer dentro do casulo, ela sugeriu que a lagarta tinha hábitos noturnos, afirmando que esta dormia durante o dia e se alimentava à noite.

Quando falava em mimetismo sempre se referia a isso como uma forma de a borboleta não ser comida pelo passarinho.

A seguir, apresentarei alguns dos desenhos realizados por Anna. A descrição dos dois primeiros foi fornecida pela menina apenas depois de tê-los concluído.



**Figura 37** – Desenho realizado em 14 de abril (lápiz sobre papel e coberto com tinta guache)



Esse foi um dos primeiros desenhos realizados por Anna. Fez os traçados com lápis e, na semana seguinte, coloriu-os com tinta, tornando-os, para minha surpresa, invisíveis.

☐ Inicialmente, desenhou uma borboleta e uma aranha. Lembrou-se de que não tinham dado comida para os passarinhos e retomou o seu desenho, passando a denominar também de borboleta o que antes chamara de aranha. Desenhou um passarinho e afirmou que ele estava em sua casinha, dormindo.

É interessante notar que Anna se lembrou da comida de passarinho justamente no momento em que estava desenhando os pequenos animais.

Quando esse desenho foi produzido, o grupo estudava as estratégias de defesa das borboletas contra predadores. A essa altura, os passarinhos foram os mais mencionados, consistindo em, praticamente, um sinônimo de “inimigo de borboletas”.

Renomear o desenho da aranha, tornando-a outra borboleta, e acrescentar um passarinho à sua figura indicam, talvez, que ela reconhece que os dois se relacionam diretamente, ainda que não tenha explicitado isto em palavras.

Como se pôde constatar, anteriormente, as aranhas e as teias chamaram a atenção da garota, no passeio pelo bosque e em sua casa.

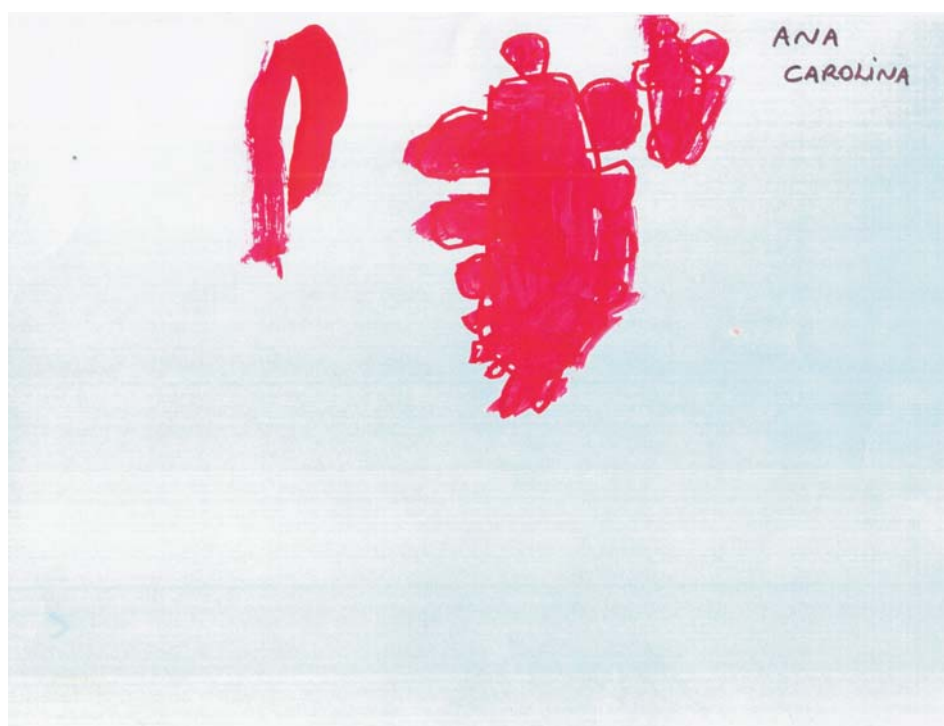


Figura 38 – Duas borboletas.



Este desenho foi realizado durante o horário de ateliê, em um dia da semana em que eu não costumava visitar a creche. De acordo com a Cris, ela disponibilizou diversos materiais e sugeriu que as crianças fizessem algo relacionado ao projeto.

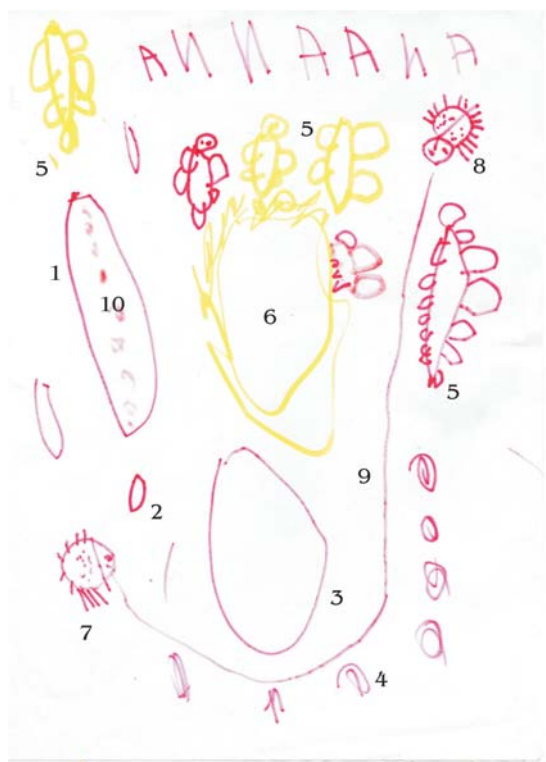
Para realizar este desenho, Anna utilizou canetinha sobre cartolina.

Ainda que não seja possível analisar com maior profundidade esse desenho, na medida em que não tenho nenhuma informação sobre as interpretações de Anna, pode-se perceber que ele revela uma idéia de borboleta: possui cabeça, corpo e diversas asas.

Nessa faixa etária, é muito comum vermos desenhos de forma humana em que o pescoço está ausente (Cox, 2001), o que me leva a pensar que a inclusão da cabeça pode ser uma forma de antropomorfização da borboleta e não o reconhecimento de que o animal apresenta essa estrutura. Ao contrário dos desenhos de Jorge, as borboletas da menina apresentam corpos bem volumosos, o que pode ser um indício de que, ao fazer tal representação, a menina estivesse talvez fazendo algumas associações entre o corpo das borboletas e o seu próprio corpo.

Anna não representa as antenas, apesar de ter reconhecido a borboleta na ilustração de mimetismo justamente pelo fato desta possuir antenas. O número de asas é aleatório, evidenciando que isso não chamou muito sua atenção. Não aparece nenhuma outra fase de vida nem qualquer alusão à segmentação.

O desenho a seguir (Figura 39) foi produzido durante a interação com o grupinho. Como se pode observar ele apresenta vários elementos, sendo bastante complexo. Como o diálogo e a análise desse episódio serão apresentados com os das outras crianças, conjuntamente, farei, aqui, apenas os comentários sobre os aspectos gráficos desse desenho.



**Figura 39** – Desenho realizado no grupinho.

- 1- casulo; 2 - larvinha; 3 - lagarta; 4 - um monte de folhinhas; 5 - borboletas;  
 6 - flor para as borboletas ficarem; 7 - joaninha filha; 8 - joaninha mãe;  
 9 - caminho para as joaninhas se encontrarem;  
 10 - bolinhas para a lagarta comer dentro do casulo

As borboletas representadas nesse desenho seguem o mesmo modelo do desenho anterior: corpo volumoso e número variado de asas. A maior parte delas apresenta cabeça com boca e olhos com localização similar ao de um rosto humano.

Ela representou todas as etapas do ciclo de vida. Entretanto, se observarmos bem, os traços são muito semelhantes entre si, não sendo possível fazer uma interpretação adequada, a menos que saibamos das intenções da autora. Desse modo, ovo, larvinha, lagarta e casulo apresentam todos o mesmo formato, não havendo nenhum detalhe gráfico que os diferencie, a não ser a variação de tamanho dos traçados. Ela não incluiu antenas, segmentação ou pelinhos nos animais.

Até mesmo o formato do corpo das borboletas assemelha-se muito ao traçado das outras fases de vida, sendo diferenciado tão somente pelas asas e cabeça. Isso mostra que Anna explorou formas ovais como estratégias gráficas.

Apesar da precariedade em detalhes pictóricos, Anna associa cada fase da vida a elementos gráficos com significados específicos: a lagarta encontra-se perto das folhinhas para comer; as borboletas estão pousadas ou em torno da flor; e o casulo apresenta comida, a fim de que a lagarta possa se alimentar em seu interior.

Tudo isso parece deixar claro que a menina entende que as borboletas interagem com as plantas, e o quanto considera relevante o alimento para os animais, nas várias etapas da vida destes. A flor é associada ao local de permanência da borboleta.

As joaninhas, por sua vez, também são representadas por meio de formas ovais, com cabeça semelhante às das borboletas: mais uma demonstração de antropomorfização. No desenho, esses insetos apresentam detalhes que os identificam facilmente: bolinhas no dorso do corpo e presença de grande quantidade de pernas. O movimento das joaninhas é representado pelo traço que as une: o caminho por onde a mãe vai passar para encontrar com a filha.

Todavia, obtém-se uma maior quantidade de detalhes na fala da menina, quando ela me conta o que a cena quer dizer. Esse desenho, em especial, é um lindo texto narrativo, cheio de imaginação e criatividade.



**Figura 40** – Desenho em pequeno grupo, realizado em 30 de junho.  
1 - ovo; 2 - larva; 3 - lagarta, 4 - casulo; 5 - borboleta.  
As letras na parte superior da folha correspondem ao nome da criança.

Nesse dia, Anna não estava muito disposta a desenhar, embora tenha ido voluntariamente à sala de informação. Sentou-se, desenhou rapidamente o ciclo de vida das borboletas, entregou-me a folha e saiu.

Apesar disso, aqui mais uma vez pode-se observar como o ciclo é realmente importante para Anna, quando quer representar as borboletas. Nesse desenho, a borboleta aparece sem cabeça e a lagarta ganha pernas.

## Desenhos realizados por Alê

Alê era um menino tímido, falava baixinho e raramente interferia nas rodas. Seus desenhos, porém, mostram que ele participava intelectualmente das discussões e interessava-se pelo projeto.

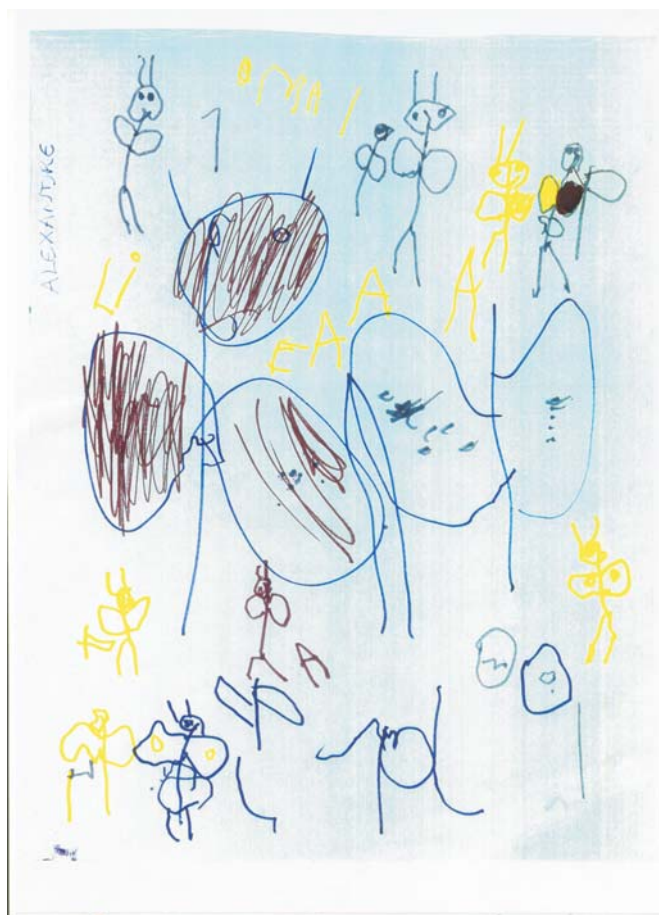


Figura 41 – Borboletas (Alê).

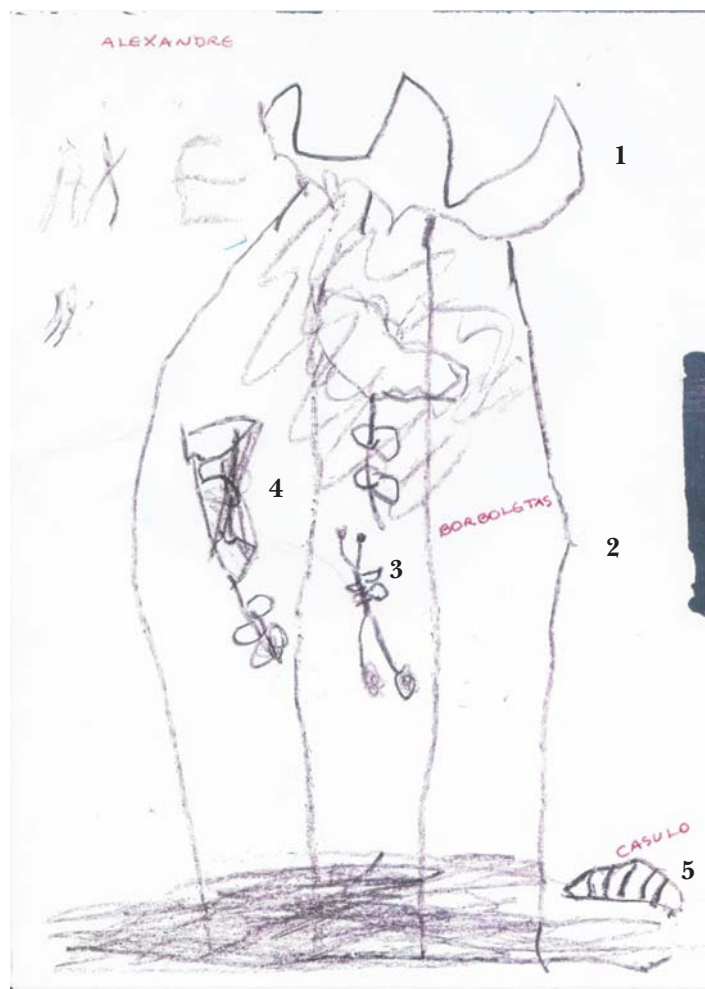
Esse foi um dos primeiros desenhos realizados por Alê. Vê-se que ele já tinha alguns conhecimentos sobre as borboletas. Representou os animais com um par de asas e um par de antenas, cabeças antropomorfizadas e corpo representado por uma única linha seguida de um par de pés.

Observe-se que essas borboletas adequam-se ao esquema corporal humano e a representação assemelha-se muito aos homens-palito (desenhos de seres humanos feitos por meio de poucas linhas retas – para tronco, braços e pernas – e de uma linha oval – para a cabeça).



**Figura 42** – Taturanas no casulo (Alê).

Alê fez algumas taturanas com pelinhos, perninhas e dentro de um casulo único (grande traço exterior). Ao contrário das borboletas, o esquema corporal da taturana, rico em detalhes, não se aparenta ao humano.



**Figura 43** – Borboletas na chuva (Alê).  
1 - nuvem; 2- chuva; 3 - borboleta; 4- casulo; 5 - lagarta.

Aqui, Alê representou as fases do ciclo de vida. Há um casulo, borboletas e uma lagarta. As borboletas agora apresentam dois pares de asas. Um delas contém, ainda, um par de antenas e um par de perninhas.

A lagarta apresenta segmentação e encontra-se na parte inferior do papel, onde há um traçado que, possivelmente, representa o chão.

De acordo com o menino, as borboletas estão na chuva, representada pelos traços verticais que saem da nuvem.





**Figura 44** – Desenho realizado no grupinho por Alê.  
1 - borboletas; 2 - casulo; 3 - árvore

Aqui, o garoto representou borboletas e um casulo. Todas as figuras aparecem segmentadas. O corpo das borboletas ganhou volume, elas voltaram a ter apenas um par de asas e perderam as antenas. As asas ganharam pintinhas.

O casulo aparece preso a uma linha que Alê denominou de árvore. Quando perguntado sobre o significado deste traço, disse-me que era só o galho onde o casulo estava preso. Como se pode notar, o formato do casulo é bastante semelhante ao do corpo das borboletas.



**Figura 45** – Releitura da obra *Evocação de borboletas*, de Redon.  
1 - antenas; 2 - perninhas.

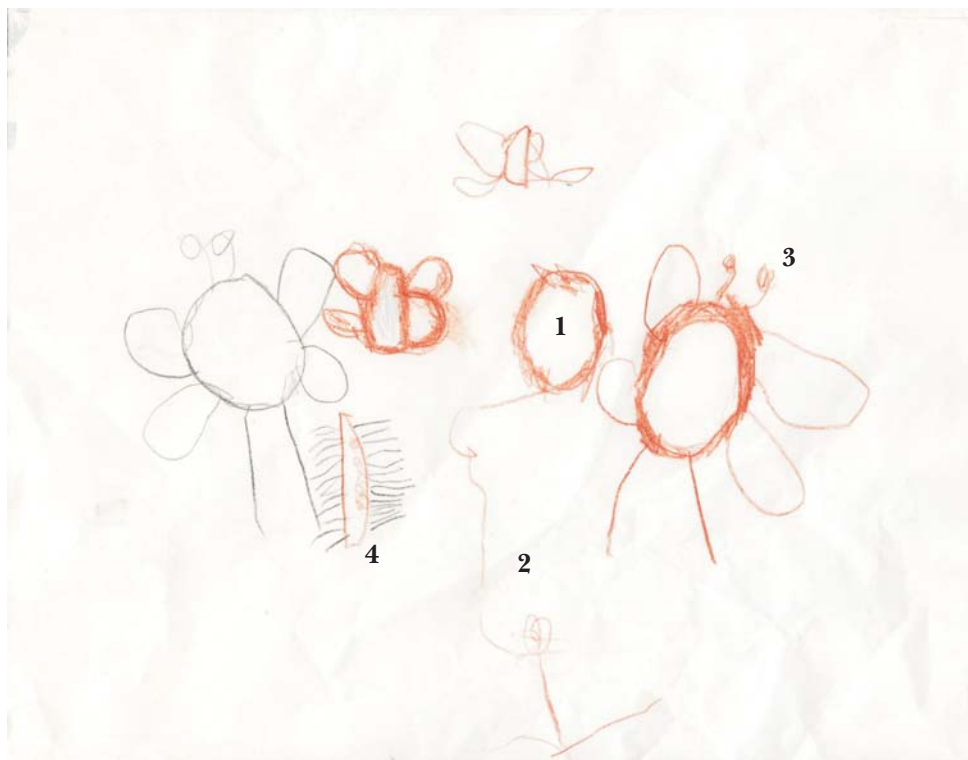
Esse desenho foi feito no dia da releitura da obra do Redon. Alê pintou o fundo com guache, esperou secar e começou a desenhar borboletas.

Nesse trabalho, elas apresentam novamente dois pares de asas, um par de antenas e perninhas, permanecendo o corpo com volume. Não apresentam segmentação.



**Figura 46 – Borboletas sobre fundo.**  
1 - borboleta com perninhas; 2 - borboleta com divisão no corpo.

Aqui, Alê fez duas borboletas, uma delas reproduzindo o modelo anterior, e a outra, com uma nova estrutura no lugar das pernas.



**Figura 47 – Fases da vida (Alê).**

1 - casulo; 2 - árvore segurando o casulo; 3 - borboleta; 4 - taturana.

Novamente aparecem borboletas. Duas apresentam pernas e antenas, e a outra apenas as asas e o corpo volumoso. O casulo encontra-se preso a uma árvore, e a taturana contém pelinhos.

As representações de Alê evidenciam que o menino passou por um processo de re-significação das borboletas, ao longo do semestre. Seus traços foram se transformando, progressivamente. A borboleta ganhou um corpo volumoso, antenas, mais um par de asas e, em alguns momentos, segmentação.

Alê nos mostra como esse processo é dinâmico e está muito relacionado àquilo que está no campo de atenção.

No momento em que atribuiu volume e segmentação ao corpo da borboleta, deixou os outros detalhes de lado, fazendo um desenho sintético, no qual essa nova característica é evidente.

Posteriormente, as borboletas ganharam novamente asas, antenas e pernas, agora conjugadas ao corpo volumoso.

## Desenhos de Alex

Alex é um menino muito imaginativo. Durante as rodas, diversas vezes, contava histórias fantásticas, envolvendo seus encontros com o Homem-aranha e o Super-homem, e era comum encontrarmos personagens heróicos em seus desenhos. Envolveu-se bastante com o projeto e participava das discussões, sempre opinando.

No dia em que a Cris levou as imagens de mimetismo, ele observou que a borboleta parecia uma folha seca. Momentos depois, fez o seguinte comentário: “Hoje eu vi uma borboleta morta. Sabe quem matou? Foi o gato.”

Alex foi o primeiro a reparar na bolinha amarela presente no casulo dentro do vidro, sobre a qual as crianças levantaram inúmeras hipóteses – algumas achavam que era o olho, e outras, a cabeça da lagarta.



Figura 48 – Borboleta (Alex).

Alex foi uma das poucas crianças que não cobriram todo o desenho com a tinta guache. Desde o início, sua borboleta já continha corpo volumoso, dois pares de asas e um par de antenas.



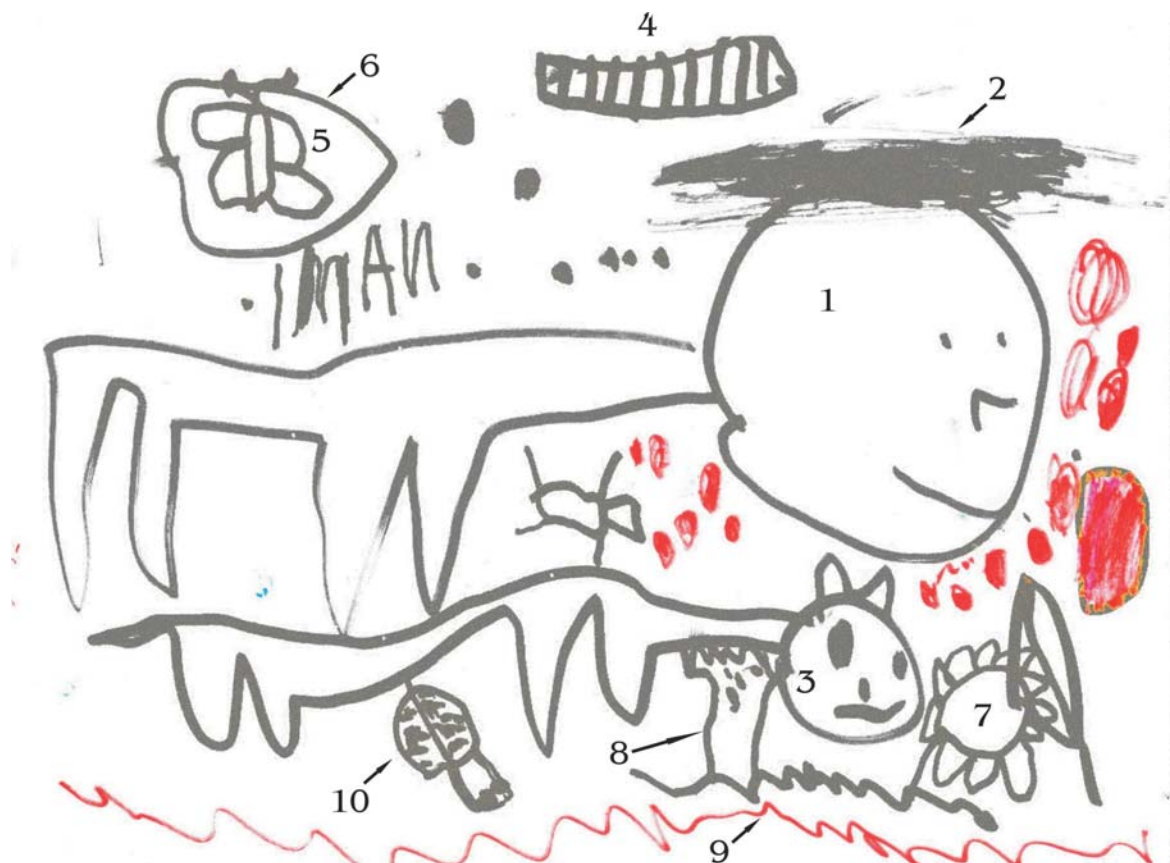
**Figura 49** – Borboletas crescendo dentro dos ovos.

Essa produção foi realizada no dia da consulta aos livros. As bolas menores são “borboletas crescendo dentro dos ovos”, e as maiores, localizadas no centro, são, da esquerda para a direita, mamãe, filhinho e papai.

Alex produziu esse desenho perto do Vinícius, inspirando este a desenhar ovos de aranha.

Essa imagem é um bom exemplo de que se faz necessário conhecermos a interpretação das crianças para podermos analisar os desenhos. Ao olhar essa figura, eu jamais imaginaria que ela se relaciona às borboletas.

Apesar de Alex ter se dedicado a encher a folha com ovos, o que revela seu interesse por essa fase da vida, nesse momento, ele não parece ter se dado conta de que não seria possível a existência de ovos dos pais e do filho ao mesmo tempo. Provavelmente, o garoto não associava o ovo a uma fase inicial da vida das borboletas.



**Figura 50** – Desenho feito no grupinho (Alex).  
1 - leão; 2 - juba; 3 - gato; 4 - taturana; 5 - borboleta; 6 - casulo; 7 - flor;  
8 - árvore; 9 - mato; 10 - joaninha; 11 - bolinhas.

Este é o desenho que foi realizado com o grupinho. Inicialmente, Alex desenhou um leão, depois um gato e, só então, começou a representar elementos do projeto. Desenhou um casulo com uma borboleta dentro (com o mesmo esquema corporal da outra), uma lagarta segmentada, uma árvore, uma joaninha, uma flor e o mato, e concluiu o desenho com uma porção daquelas “bolinhas onde a taturana vira borboleta”.



**Figura 51 – Borboleta com fantasma.**  
1 - borboleta; 2 - casulo; 3 - taturana; 4 - fantasma; 5 - homem.

Nessa figura, o menino representou um fantasma no canto superior esquerdo do papel, um homem, uma taturana dentro de um casulo e uma borboleta.

É interessante observar que, na produção anterior, havia incluído uma borboleta dentro do casulo e, neste, incluiu uma taturana.

Conforme comentei anteriormente, esse tipo de representação foi muito encontrado entre os desenhos das crianças.

## O diálogo do grupinho



**Figura 52** – Grupinho: Anna, Alex, Alê e Jorge (da esq. para dir., em sentido horário).

Caso o leitor queira rever os desenhos produzidos pelo grupinho, deverá consultar as Figuras de números 36, 39, 44 e 50.



Antes do início da gravação deste diálogo, quando ainda estávamos subindo as escadas em direção à midiateca, Alex declarou que iria desenhar um leão. Jorge contestou, dizendo que não podia desenhar leão porque este animal não fazia parte do projeto.

Disse que não havia problema, mas pensei: “se ele representar apenas outros assuntos, não utilizarei seu desenho em minha pesquisa.”

Assim que distribuí o material de desenho, Alex começou a fazer seu felino em silêncio.

Enquanto isso, as outras crianças já dialogavam entre si. Transcrevo a seguir esse diálogo.

1. Anna: *Eu vou fazer um monte de flor e com borboleta ainda.*
2. Celi: *Puxa! Eu vou deixar o gravador aqui para gravar o que vocês forem falando, tá?*



3. Jorge: *Está bem. Está bem.*
4. Anna: *Eu tô fazendo, primeiro uma flor pra colocar a borboleta.*
5. Celi: *Ah, legal.*
6. Jorge: *Ih, se você faz, eu faço. Se você faz uma flor, eu vou fazer uma flor.*
7. Alê: *Eu não vou fazer flor.*
8. Alex: *A sua ali não dá, olha! A sua ali não dá.*
9. Jorge: *Agora eu vou fazer o da (...)*
10. Anna: *Eu nem fiz.*
11. Jorge: *Deixa. Eu vou fazer flor prá borboleta ficar.*
12. Anna: *Mas essa eu vou fazer de dia.*
13. (...)
14. Anna: *Fazer uma floooooor.*
15. (...)
16. Jorge: *Olha! A florzinha pra borboletinha ficar, ó. A ponta tá acabando vou nem precisar ficar.*

Logo no início da interação as crianças começaram a fazer acordos sobre a inclusão do elemento “flor” em seus desenhos. Jorge e Alê manifestaram-se, um afirmando e o outro negando a intenção de imitar o desenho da Anna Carolina (1, 4, 6, 7, 11).

É curioso que, sendo solicitado às crianças que desenhassem algo relacionado ao projeto –, tenha surgido, em primeiro lugar, um vegetal e não um dos animais estudados. Isso evidencia a associação das borboletas com as flores que os garotos fazem, além de indicar o modo como o campo de atenção, a percepção e a memória destas duas crianças atuaram, neste momento de produção.

Quando pronunciou sua intenção, Anna estava falando para si mesma, ou seja, era uma fala egocêntrica. Entretanto, quando Jorge e Alê interagiram com ela, criando um diálogo, a fala passou a desempenhar a função de comunicação.

A flor adquiriu um significado compartilhado por Jorge e Anna: “lugar para as borboletas ficarem”, ou seja, para eles é importante que elas tenham onde ficar antes de “virem ao mundo” por meio dos desenhos (4, 11). Eles, porém, não desenharam um lugar qualquer, como uma casinha, um ninho ou outra moradia imaginária; optaram pela flor para ocupar este lugar em seus desenhos.

Conforme comentado anteriormente, no contexto em que o projeto foi desenvolvido, as flores estavam muito presentes no estudo das borboletas, uma vez que as encontramos nas obras do Redon, nas imagens dos livros paradidáticos, no parque e nas produções das crianças ao longo do semestre.

As crianças tiveram a oportunidade de observar, também, gravuras de lagartas comendo folhas, borboletas semelhantes a folhas verdes ou secas, além da taturana encontrada no jardim, que foi cultivada na sala.

Assim, podemos supor que, dentre todos os vegetais, as flores despertaram tanto a atenção de Ana que, quando solicitada a realizar o desenho, foi o que primeiro surgiu em sua memória, iniciando a cadeia de significantes representados.

Esta associação entre borboletas e flores também fez sentido para Jorge, pois, ao ouvir Ana dizer o que faria, decidiu seguir o mesmo caminho. Neste caso, não podemos garantir que a flor foi o que primeiro surgiu na memória do garoto, mas, sim, que o pronunciamento da palavra flor ativou sua memória, desviando seu campo de atenção de onde quer que estivesse para a idéia de representar a flor como local de permanência para as borboletas.

A palavra “flor” interferiu diretamente nas ações do garoto, porque ativou sua memória, produzindo uma imagem mental e, conseqüentemente, uma figura no papel.

Com Alê, o efeito da palavra flor foi contrário ao que ocorreu com Jorge: decidiu não incluir este elemento em seu desenho (7). Entretanto, o fato de ter se preocupado em declarar sua decisão é uma evidência de que esta palavra também interferiu em seus pensamentos, levando-o, em primeiro lugar, a cogitar essa possibilidade para, só depois, rejeitá-la.

Alex nem sequer demonstrou estar atento ao diálogo dos três colegas, nesse momento do episódio.

Desde o primeiro instante em que iniciam seus desenhos, as crianças desencadeiam um processo de recriação da realidade. Neste caso, houve uma ênfase

para um fato conhecido – o convívio de borboletas e flores. Embora este conhecimento tenha sido apresentado às crianças diversas vezes, cada uma delas, ao desenhar, atribui sua própria identidade à flor.

Apesar Jorge ter desenhado a flor por interferência de Anna, as situações de representação foram diferentes, o que foi prontamente explicitado por Anna, ao dizer que a sua é “de dia” (12), fazendo, pois, uma distinção entre a sua flor e a do amigo. Embora ambos tenham desenhado uma flor, Anna deixa claro que a dela é só dela, imprimindo uma marca pessoal ao desenho, tornando-o único.

De acordo com Vygotsky (2000), o processo criador está diretamente relacionado aos elementos presentes na memória, uma vez que qualquer produção criativa nada mais é do que uma recriação da realidade, a partir de uma reordenação ou reconstrução de elementos reais, oriundos das experiências vividas.

Portanto, não é de se estranhar que Anna tenha escolhido justamente aquilo que memorizou durante o desenvolvimento do projeto.

17. Alex: *Fazer um gato agora.*
18. (...)
19. Anna: *Eu vou fazer um casuulo.*
20. Jorge: *Eu fazer um ca... vermelho do casulo. Cê tá certo, casulo que eu ia fazer.*
21. Anna: *Eu vou fazer um casulão. Olha o casulão!*
22. Jorge: *Nem existe.*
23. Anna: *Mas eu vou fazer uma borboleta grannnde.*
24. Jorge: *Ah, porque tá fazendo grande? Prá todo mundo conseguir ver melhor, não é?*
25. Anna: *Ah???*
26. Jorge: *Cê tá fazendo grande prá todo mundo conseguir ver melhor?*
27. (...)
28. Alex: *Eu vou fazer um casulo pequenininho.*
29. Celi: *... parte de trás, né?*
30. Alex: *Aqui, casulo pequenininho. Vou fazer outro casulo.*
31. Celi: *Alê. Eh, ...*
32. Jorge: *Quer fazer aquele casulo.*
33. Anna: *Olha o casulão, que eu fiz. Qué vê? É um casulo.*
34. Celi: *Olha!*
35. [vários sons emitidos pelas crianças]

Anna e Jorge compartilham a intenção de desenhar um casulo e, novamente, atribuem características exclusivas a seus desenhos: o de Anna é um casulão, e o de Jorge é vermelho (19, 20).

Jorge opõe-se à intenção de Anna de fazer uma representação em tamanho grande, ao dizer que isso não existe (22). Ela argumenta, imediatamente, que a borboleta também será grande (23). Este trecho evidencia, sobretudo, a preocupação com a coerência entre os desenhos produzidos e a realidade observada.

Verifica-se, ainda, que Anna tem consciência de que casulo e borboleta são fases da vida de um mesmo animal, o que, para a menina, implica uma correspondência de tamanho. Assim, a representação de uma borboleta “grannnde” é o que basta para Anna se sentir autorizada a desenhar um casulão. Este argumento também parece suficiente para Jorge.

Neste ponto do diálogo, Jorge manifesta aquilo que Arfouilloux afirma sobre um dos papéis dos desenhos para as crianças: elas desenham para alguém ver, ou seja, os desenhos infantis são formas de comunicação. Assim, Jorge aceitou a argumentação de Anna por reconhecer que os desenhos têm destinatários: “é pra todo mundo ver” (24,26).

Convém notar que, se por um lado as crianças revelam uma postura de grande liberdade com sua produção (sabem que podem desenhar o que e como quiserem). por outro, são muito obedientes às regras implícitas no tema que estão representando: é preciso haver uma coerência entre seus desenhos e o que conhecem sobre as borboletas.

Assim, tal como nas outras atividades lúdicas, os desenhos são tanto criações imaginárias como jogos com regras fechadas (Vygotsky, 2003). Do mesmo modo como ocorre nas brincadeiras de faz-de-conta, para representar as borboletas, as crianças precisam submeter-se às regras impostas pela realidade – neste caso, o tamanho do casulo deve ser correspondente ao da borboleta.

No início do episódio, Alex não parecia interessado em desenhar os pequenos animais. Antes mesmo de entrar na sala, declarou que faria um leão.

Depois, fez um gato (17), e só começou a participar da conversa após ouvir Jorge e Anna mencionarem o termo “casulo”. Declarou, então, que o seu casulo seria pequenininho (28), ao contrário de Anna, que resolveu fazer um “casulão”.

Até esse momento, as falas de Alex desempenharam função egocêntrica, ou seja, suas palavras apenas faziam parte da ação de desenhar e não pareciam ser direcionadas a nenhum interlocutor. Além disso, ao menos naquele contexto, seu desenho não desempenhou função comunicativa, já que em nenhum momento as outras crianças se interessaram pelos felinos que ele estava fazendo.

A palavra “casulo” despertou em Alex o interesse pela comunicação com os amigos e, daí em diante, a proposta de representar borboletas passou a desafiá-lo. Ele iniciou sua fala incluindo a característica que estava sendo negociada pelos colegas: o tamanho do casulo.

O termo “casulo” certamente alterou sua memória e produziu uma imagem mental associada àquilo que este vocábulo representava para o menino.

Esta palavra atuou como um auxiliar de memória e alterou o campo visual de Alex, deslocando sua atenção dos felinos para as borboletas; provocou o aparecimento das lembranças de Alex sobre o assunto “borboletas”, levando-o a desenhar uma série de figuras relacionadas a esse tema. Por ter despertado o interesse do garoto, “casulo” ganhou uma significação importante, passando a ocupar o *status* daquilo que Vygotsky (1998) chama de complexo. Dizendo de outro modo, “casulo” não significa apenas o envoltório da pupa, nessa fase de vida, mas, sim, todo o conjunto de informações relacionadas a esses animais.

Vale lembrar a importância que a interação com as outras crianças exerceu na definição do tema, no desenho de Alex, uma vez que ele declarara, de antemão, não querer desenhar nada relacionado às borboletas. Caso o desenho tivesse sido produzido, em outras condições, sem que o termo “casulo” fosse pronunciado, a temática de suas representações gráficas não teria seguido certamente este mesmo percurso.

Neste sentido, podemos afirmar que a interferência do grupo estimulou Alex a cumprir a tarefa prática que havia sido proposta.

36. Anna: *Aí vai vim um troço... um negocinho bem pequititico. Vai tá arrastando.*
37. Anna termina o traçado e pára para interagir comigo.
38. Celi: *O que é isso?*
39. Alex: *Eu vou fazer uma borboleta no casulo.*
40. Anna: *Aí...como é que era... aquilo lá que é...*
41. Jorge: *Um casulo que estou fazendo.*
42. Anna: *Que que isso mesmo. Ahn. Ahhh, aquelaaa...[risos]*
43. Jorge: *Derruba o casulo, Anna. Você fica empurrando a mesa toda hora.*
44. Anna: *Fica uma é... ahn... uma (setinha)... eu não sei.*
45. Jorge: *Uma larvinha, Ana.*
46. Alex: *Aqui, esse daqui é o leão; esse é o gato.*
47. Celi: *Ah, é uma larvinha?*
48. Anna: *É uma larvinha. Isso daqui é uma larvinha, a... í ela...*
49. Alex: *Aaaaiiiií. Eu vou fazer a larvinha.*
50. Anna continua seu desenho dizendo: *Ummm negócio. Ai, como chama?*
51. Jorge: *Eu não lembro.*
52. Anna pára de desenhar e dedica-se a encontrar um nome para o que acabou de representar.
53. Anna: *Aqui a larvinha.*
54. Jorge: *Casulo!*
55. Anna: *Naaaão! Olha o casulo aqui!*
56. Jorge: *Larvinha, ué.*
57. Anna: *Não, larvinha era essa. Larvinha pequititica.*
58. Anna: *É, é a... aí... é a... qual é a... como que chama?*
59. Jorge: *Eu não (sei).*
60. Anna: *Ah... ah... A minhoca.*
61. Alex: *É a minhoca.*
62. Celi: *Como é que chama a minhoca da borboleta? La...?*
63. Alex: *Eu vou fazer...*
64. Celi: *La... la...*
65. Anna: *Eu vou fazer, la...*
66. Celi: *Lagarta, não é?*
67. Anna: *É, largata. Eu vou fazer uma largata.*
68. Jorge: *Largata gorducha.*
69. Anna: *A largata, ela é larga. Depois, ela vai comê um montão... folha que tava aqui, montão de folha, montão, montão, montão.*
70. (... achei)
71. Anna: *E ela comeu um montão, comeu, comeu. E aí ela ficou dentro do casulo.*

72. [Criança fazendo alguns sons]
73. Anna: *Ficou dentro do casulo e virou uma borboleta.*
74. Jorge: *Ah, eu fiz o casulo depois de você. Ha, ha.*
75. Anna: *Deixa.*
76. (...)
77. Anna: *Eu tô fazendo borboleta.*

Anna preocupa-se claramente com a representação da seqüência do ciclo de vida das borboletas. Logo depois do casulo, representou a larvinha pequititica (57), a lagarta (60, 67), novamente o casulo (73) e a borboleta (77).

Os momentos de pausa no desenho da menina estão associados à sua dificuldade de nomear seus traços. Quando não se lembra do nome da larvinha, pára tudo e inicia uma série de tentativas, chamando aquela de “negocinho pequititico” (36) e de “setinha” (44), e fazendo uma descrição do animal – “vai tá arrastando” (36). Entretanto, nada disso a satisfaz. No momento em que Jorge forneceu o nome que Anna estava procurando, ela deu continuidade ao seu desenho (45). Instantes depois, Anna enfrenta o mesmo problema – não se lembrava da palavra “lagarta” – e interrompeu, mais uma vez, seu trabalho. Usou, então, a palavra “minhoca” e, recebendo a aprovação de Alex, reinicia o seu desenho (60,61).

Vemos, aqui, a importância que a nomeação dos traçados tem para Anna e como as palavras são importantes para manter a coerência e a seqüência lógica da representação da menina.

Neste caso, evidentemente, a palavra “minhoca” não tinha para as crianças o mesmo significado que tem para os biólogos: um anelídeo. Minhoca, para elas, foi utilizada como sinônimo de lagarta ou taturana, fato que já havia ocorrido em uma roda com todo o G4. Isso não aconteceu por acaso, já que o grupo estava estudando um animal que vive no jardim, rasteja e possuiu o corpo alongado, ou seja, apresenta alguns dos aspectos das lagartas sugeridos pelas crianças em seus desenhos e falas.

Ressalte-se, ainda, que, quando procurava um nome para a larvinha, Anna enfatizou o movimento de rastejamento desse animal (tal como as minhocas). O fato de que a menina já demonstrava ter conhecimento de que todas as fases de vida dizem respeito ao mesmo animal também é digno de destaque, pois revela que a palavra “minhoca” – para denominar uma das fases em que o animal é comprido e rasteja – é bastante coerente para ela.

Esta observação vai ao encontro da afirmação de Vygotsky (2003):

“emitir palavras, para as crianças, não é tanto indicar conceitos conhecidos como é nomear classes conhecidas ou grupos de elementos visuais relacionados entre si por certas características visualmente comuns.” (p. 67)

Assim, é compreensível que a palavra minhoca tenha sido utilizada para designar a lagarta.

Utilizando o referencial de Vygotsky, podemos afirmar que essas crianças ainda não construíram um conceito verdadeiro para a palavra “minhoca”, já que este vocábulo remete a um grupo de animais com características semelhantes, e não propriamente ao significado que o conceito de minhoca apresenta. Interessante notar que o sentido dado à palavra “minhoca” foi compartilhado pelas outras crianças, uma vez que estas não questionaram sua validade (Vygotsky, 1998).

Minha interferência trouxe outra rede de associações. Quando chamei “minhoca” de lagarta (66), o nome foi imediatamente incorporado no discurso de Anna, com uma inversão de letras: “largata” (67). Jorge acrescentou: “largata gorducha” (68). E Anna, sabiamente, continuou a seqüência de associações, apropriando-se do nome do animal, dando-lhe um significado mais consistente e coerente com aquilo que estava em seu campo de atenção: as lagartas são comilonas, gorduchas (69).



Conforme podemos constatar com a análise das suas outras produções, esta criança parece apresentar sempre uma preocupação em evidenciar comportamentos relativos à alimentação nos animais. Talvez para ela não faça sentido um ser vivo que fique sem comer, e, por isso, sempre realce esta característica.

O ato de comer parece que estava também associado à idéia de crescimento e desenvolvimento, uma vez que houve uma distinção entre a larvinha (“pequititica”) e a lagarta (“gorducha”, que come vorazmente).

Este raciocínio de Anna deixou claro que o desejo de obter um nome para o que pretendia representar não era apenas a necessidade de encontrar uma palavra, mas tratava-se, principalmente, de organizar, de uma forma lógica, os significantes e de atribuir-lhes significados adequados. Aceitar a palavra “lagarta” como sinônimo da “minhoca”, que acabara de desenhar, só era possível para Anna com o sentido de “largata larga”, ou seja, de uma fase da vida desse animal em que ele é voraz e cresce bastante.

Podemos identificar, outra vez, a relação entre a palavra e imagens suscitadas por ela. Nesse caso, a palavra não alterou o campo visual, mas ganhou sentido a partir dele.

Mesmo antes de encontrar a palavra “minhoca”, Anna já sabia o que desenhar, já parecia visualizar a lagarta com suas características. O que havia fugido de sua memória era o termo correspondente àquela imagem.

Anna, para legitimar a palavra “lagarta” como sinônimo de “minhoca”, precisou inverter a ordem de suas letras e torná-la “largata”, ou seja, “larga”, para ser coerente com a imagem mental que possuía a respeito do animal.

Depois de “comer um montão”, a lagarta ficou dentro do casulo e virou borboleta (73). Pode-se inferir, com base nesta seqüência de falas, que Anna considera que a larva comeu o suficiente para se transformar em adulto. Podemos pensar em possíveis associações que Anna fez entre a sua vida e a das borboletas. Por exemplo, a relação entre as idéias de alimentação e crescimento é muito freqüente

em nossa cultura e bastante familiar às crianças – é muito comum adultos incentivarem-nas a se alimentar, para que estas “possam crescer bastante”.

O casulo é mencionado como se fosse um abrigo, e não parte do ciclo de vida do animal, conforme era apresentado nos livros consultados. É mais um “local para ficar”, cuja função é possibilitar proteção, acolhimento e repouso para as lagartas “virarem” borboletas. Apesar disso, suas representações gráficas de casulo não apresentam nenhuma forma de vida em seu interior.

Diferentemente do que se observa nos trabalhos de Anna, encontra-se uma borboleta dentro de um dos casulos desenhados por Alex (Figura 50). Parece-me que o menino não está preocupado com a representação da seqüência cronológica do desenvolvimento das borboletas. Sua rede de associações está seguindo outra lógica. Com a inserção da borboleta no casulo, são possíveis duas interpretações: ou o menino considera o casulo um compartimento destinado à permanência da borboleta, ou Alex tem muita clareza de que, mesmo sendo designados por nomes diferentes em cada uma das fases da vida, casulo e borboleta dizem respeito ao mesmo animal.

De qualquer modo, tenha-se em vista que, nas imagens que foram disponibilizadas para as crianças, não havia representações da parte de dentro dos casulos, mas apenas da parte externa. Ainda assim, ocorreram desenhos de casulos “em corte” – característica comum nos desenhos realizados por crianças em torno de 4 anos.

- |     |   |
|-----|---|
| 78. | Alex: <i>Aqui, eu fiz a taturana.</i>                           |
| 79. | Celi: <i>Você fez casulo, Jorge?</i>                            |
| 80. | Jorge: <i>Eu vou fazer a folha. (...) Aqui o casulo.</i>        |
| 81. | Celi: <i>Ah, e aí o que é ali embaixo?</i>                      |
| 82. | Jorge: <i>Aqui?</i>   |
| 83. | Celi: <i>É.</i>   |
| 84. | Jorge: <i>A flor que é pra borboleta ficar.</i>                 |
| 85. | Celi: <i>Ah! Que legal. E a Anna está fazendo o quê, agora?</i> |
| 86. | Anna: <i>Eu tô fazendo borboleta.</i>                           |

87. Alex: *Só que eu vou fazer a folha.*
88. Jorge: *Depois eu vou fazer umas (...), depois.*
89. Celi: *Da folha, Alex?*
90. Alex: *É.*
91. Jorge: *Depois eu vou fazer umas duas (...), depois.*
92. Anna: *Eu também.*
93. Celi: *Tá bom... você... Alê...*
94. Alex: *Eu vou fazer agora.*
95. (...)
96. Alex: *Ah... (...) Deixa eu ver...*
97. Jorge: *Ô Alex, fala como que é seu... (...) Eu ia fazer um mais... (...) Cadê o vermelho?*
98. Alex: *Uma tatulana.*
99. Anna: *Tá comigo.*
100. Jorge: *Ahhhh, aí tá. Cê tá fazendo tudo de vermelho. Faz de outra cor também, Anna.*
101. Alex: *Aqui, eu vou fazer a árvore. Árvore bem...*

Minha interferência, perguntando ao Jorge sobre os elementos de seu desenho, o fez repetir novamente a palavra “flor” (84) e dizer que faria uma folha (80), o que não se concretizou. Alex decidiu representar uma folha e, posteriormente, uma árvore (87, 101).

Embora o surgimento das plantas no desenho de Alex pareça ter ocorrido por influência do amigo, ele representou outro lugar em que sabe que as borboletas costumam pousar: uma árvore. Assim, mais uma vez, torna-se claro que as crianças não só consideram importante que a borboleta – em suas diversas fases de vida – tenha um lugar para ficar, como associam esse lugar a vegetais, indicando interações entre estes insetos e plantas. Para elas, os vegetais são o “lugar no mundo” ocupado pelas borboletas.

102. Jorge: *Vem aqui ver o que eu tô fazendo agora.*
103. Celi: *Joaniiiinha. E o Alê? O que está fazendo, Alê?*
104. Alê: *Uma...*
105. Anna: *Olha a joaninha.*
106. Celi: *Ah, que bonitinha.*
107. Jorge: *Eu vou fazer a joaninha.*

108. Anna: *Hahahahaah.*
109. Jorge: *Eu vô (cata) a cabecinha.*
110. Anna: *A borbolet... tem... olha...*
111. (...)
112. Anna: *Já acabei!*
113. (...)
114. Celi: *Que lindo, Anna. Agora me explica. Você já terminou?*
115. Anna: *Já.*
116. Celi: *Então me explica todo seu desenho.*
117. Anna: *Esse é... é uma... uma... borboleta... quer dizer... uma borboleta, uma borboleta, uma borboleta, uma borboleta e dentro dum (casulo) e deixa eu fazer aqui*
118. [completou o desenho na hora com outra borboleta].
119. Jorge: *Olha a joaninha, Anna Carolina. Olha a minha joaninha.*
120. Anna: *Uma borboleta, uma borboleta.*
121. Jorge: *Olha Anna Carolina, Anna Carolina. Eu tô fazendo minha joaninha.*
122. Anna: *Eu tô faz... Olha que casulo gigante... (...) Olha que casulo gigante.*
123. Anna: *A borboleta, a borboleta...*
124. Jorge: (...) *Anna Carolina!*
125. Anna: *A borboleta, a borboleta, e uma lagarta, e um monte de folha, e o casulo, e só isso, e o meu nome.*
126. Celi: *E isso daqui, ó?*
127. Anna: *Olha, aqui é a borboleta, e isso daqui é uma larvinha, e isso daqui é um monte de flor.*
128. Celi: *Ah, um monte de flor?*
129. Anna: *É.*
130. Celi: *Muito lindo. Obrigada, Anna.*

Anna Carolina considerou sua produção encerrada (112) e, a meu pedido, repetiu a nomeação aos traços que fez durante a confecção do desenho (114–130).

Conforme Luquet (1979), Moreira (1999), Derdyk (1989) e Mèredieu (1974), é muito comum crianças nesta faixa etária fornecerem interpretações diferentes a respeito de um mesmo traçado em momentos distintos, por exemplo, durante a sua execução e depois de concluí-los.

Entretanto, depois de finalizar sua produção Anna manteve suas interpretações iniciais. Nessa segunda interpretação, utilizou, espontaneamente, os termos “larvinha” (127) e “lagarta” (125), dos quais não conseguiu recordar enquanto desenhava. Esta é uma evidência de que, quando descreveu o que

pretendia representar pedindo para os colegas auxiliarem-na a se lembrar dos nomes, referia-se a essas palavras.

131. Alex: *Aqui é uma borboleta.*
132. Celi: *Ah, espera aí, Alê. Alex. Então espera aí que eu vou.*
133. Anna: *Eh, Alê. [risos]*
134. Celi: *Alê, Alex. Segunda vez. A Celi tá doida.*
135. Alex: *É assim que é borboleta.*
136. Celi: *Explica prá mim seu desenho, Alex.*
137. Jorge: *Aqui. Tá preto, vermelho.*
138. Celi: *Ô Alex, e essa... e esse negócio em volta da borboleta. Que que é?*
139. Alex: *É um casulo.*
140. Celi: *Ah, é um casulo*
141. Alex: *Esse que é um casulo.*
142. Celi: *Isso. E aqui, ó? Conta prá mim tudo o que você desenhou.*
143. Alex: *Aqui é a tatulana.*
144. Celi: *Taturana. E esse daqui?*
145. Alex: *Não. Quer dizer, aqui é a lagarta.*
146. Celi: *Lagarta.*
147. Alex: *E isso daqui é o leão.*
148. Celi: *Leão.*
149. Alex: *E isso daqui é um gato.*
150. Celi: *Um gato.*
151. Alex: *Uma folha e... e...*
152. Jorge: *(...) de gato (...)*
153. Alex: *E aqui é... são... e aqui é a árvore, e aqui é... e aqui é...e a... e aqui... deixa eu ver... deixa eu ver... o mato.*
154. Celi: *O mato?*
155. Alex: *É.*
156. Celi: *O mato.*
157. Alex: *E aqui é... e aqui é... e aqui..., eu vou fazer joaninha.*
158. Jorge: *Que mato? Não existe mato inteligente.*
159. *[risos].*
160. Celi: *E o mato do Alex é inteligente?*
161. Jorge: *Éee.*
162. *[risos]*
163. Jorge: *Agora eu vou fazer... outra borboleta.*
164. Anna: *Eu vou fazer mais uma joaninha.*

Ao descrever seus desenhos, Alex primeiro utilizou a palavra “taturana” (143) corrigindo-se logo em seguida com o termo “lagarta” (145). Possivelmente, ele

se preocupou em fazer a correção por supor que eu preferiria ouvir “lagarta” em vez de “taturana”, uma vez que foi o vocábulo que utilizei para auxiliar Anna a se lembrar do nome do animal.(66)

Embora Alex não tenha declarado sua intenção de representar o “mato” enquanto desenhava, utilizou este termo na hora de descrever sua produção para mim. (153) Interessante que ele titubeou um pouco antes de pronunciar a palavra.

Em outras ocasiões eu já tinha percebido, quando ia me explicar seus desenhos, procurava atribuir um nome, mesmo os traços que para ele não representavam nada. Nesses casos chamava os traços de “uma coisa”, “um troço”, “um negocinho” ou algo assim.

Embora seja possível que ele não tenha pensado em mato na hora de desenhar, vale ressaltar que Alex não escolheu qualquer palavra para nomear aquele traço, mas utilizou um termo bastante coerente com a realidade que estava representando.

Ao mencionar a árvore acrescentou mais uma palavra com sentido semelhante: o mato. Na verdade, o mato (a grama) é o local na creche em que as crianças têm o acesso mais fácil aos pequenos animais e, além disso, a taturana criada na sala foi encontrada no gramado.

165. Anna: *Olha uma borb..., olha uma joaninha minha. Eu vou fazer agora a borboleta. Ela é diferente.*
166. Alex: *Eu vou, eu vou... minha flor, né?*
167. Celi: *Como assim, ela é diferente?*
168. Anna: *É por causa que ela tá doente.*
169. Celi: *Ah, é?*
170. Anna: *É. Por causa que ela precisa da mamãe dela, que não está.*
171. Celi: *Ah. E... e aí ela ficou doente por que a mamãe não tá lá?*
172. Anna: *Ó por causa que ela..., a mamãe dela mora numa caverna e o inverno é aqui fora da casa dela.*
173. Celi: *Ahn, coitada.*
174. Anna: *E... e ela tá se sufocando, por causa que ela quase que vai morrer, por causa que a mã... aí a mamãe vai ir aqui, encontrar ela e pegar ela. Eu vou fazer o caminho prá ela... prá mamãe.*
175. Jorge: *Mamãe pega... mamãe não pega a filhinha, isso é má educação.*

176. Alex: *Vou fazer agora. Cadê?*
177. Jorge, imitando voz de bebê: *Mamãe (...) não pega sua filha malcriada.*
178. Anna: *Olha, o caminho. Aí ela vem cá e pum.*
179. Celi: *Ahh, aí daí...*
180. Anna: *E (...) uma casinha aqui.*
181. Celi: *Uma casinha? Puxa!*
182. Anna: *Prá todos... prá ela morar... e prá ela morar, prá mãe dela e, por aqui e prá ela morar aqui também. Então ela fez o caminho. Que aqui é a... que agora é o lago prá ela tomar banho e beber água.*
183. Celi: *Humm!*
184. Alex: *Daqui que eu vou fazer agora...*
185. Anna: *Porque elas tão fedidas. [grito]*
186. Alex: *Aqui, olha. Agora eu vou...*

Os diálogos apresentados anteriormente mostram mais uma vez como as crianças partilham os significados que representam em seus desenhos. Depois que Jorge declarou que pretendia fazer uma joaninha (119, 121), Alex e Anna também decidiram representar o inseto. (164, 157)

Ao fazer os desenhos envolvendo esse tema, Anna apresentou uma narrativa falando da relação entre a mãe e a filhinha. (165 – 185) Embora o jogo simbólico esteja presente durante todo o processo de produção de seu desenho, neste trecho ele fica mais evidente, pois ocorre uma maior “humanização” dos personagens que passam a expressar sentimentos e reações parecidas com as dos homens.

Deste modo, a menina revelou considerar imprescindível para a vida o cuidado com a prole, a existência de um abrigo e a presença de água. A distância da mãe torna a filhinha “doente”, “sufocando”, “quase morta”. É interessante observar que a idéia de doença vem associada à possibilidade de morte, tal como apontam as pesquisas de Forman e Kaden (1987).

A preocupação em ressaltar que a sua joaninha é “diferente” (165) mostrou mais uma vez a necessidade que Anna apresentava de personalizar seu desenho mostrando que mesmo havendo aspectos que semelhantes em todas as joaninhas, a sua é diferente.

Sua recriação da realidade incluiu tanto a imitação dos aspectos morfológicos das joaninhas –, tais como o formato do corpo, as bolinhas desenhadas nas asas e a presença de pernas – como de aspectos da vida humana que provavelmente eram familiares a ela: sentir falta da mãe que está longe – enquanto permanecia na creche – necessidade de moradia, de cuidado e de manutenção da saúde.

A situação de separação das joaninhas foi resolvida por meio da inclusão de um caminho (174, 178) para que mãe e filha pudessem se encontrar antes da filhinha “sufocar e morrer”.

Assim ela pareceu adequar à sua realidade interna as informações que estava adquirindo com o projeto. Por meio de sua narrativa, a menina declarou alguns dos critérios que considerava importantes para a sobrevivência dos animais: o cuidado parental, a necessidade de respirar, possuir uma casa, beber água e tomar banho.

Nesse trecho, as crianças utilizaram a fala com a função comunicativa durante todo o tempo. Enquanto Anna contava sua história para mim, Jorge interferiu brincando de falar com a mamãe-joaninha e o Alex tentou chamar nossa atenção algumas vezes, mas acabou desistindo ficando sem completar o pensamento.

- |      |   |
|------|---|
| 187. | Anna: <i>Agora eu vo.... Vai... (...) borboleta? Eu tenho um montão... eu tenho, um, dois, três, quatro, cinco.</i> |
| 188. | Jorge: <i>Você tem mais do que eu, Anna.</i>  |
| 189. | Anna: <i>Eu tenho... seis. Eu tenho duas.</i>   |
| 190. | Jorge: <i>Anna, você tem mais do que eu.</i>  |
| 191. | Anna: <i>É.</i>   |
| 192. | Jorge: <i>Tem mais do que eu.</i>   |
| 193. | Anna: <i>Eu sei.</i>  |
| 194. | Alex: <i>Que que isso?</i>  |
| 195. | Anna: <i>Que que é isso daí, Alê?</i>   |
| 196. | (...)   |
| 197. | Anna: <i>Ela tá sobrevivendo aqui, a borboleta.</i>   |
| 198. | Celi: <i>Tá sobrevivendo?</i>   |



199. Anna: *Tá. Por causa que eu tô fazendo uma bolinha prá elas comer.*
200. Celi: *Tá. Ah, e ela come quando tá dentro do casulo.*
201. Anna: *É.*
202. Celi: *É. Hum...*
203. Anna: *A minha come.*
204. Celi: *A sua come.*
205. Alex: *Deixa eu ver...*
206. Anna: *Mas de verdade num come... Você pintou a mesa!*

No turno 197, 199 Anna associou a idéia de sobrevivência à alimentação. Ainda que ela soubesse que a borboleta “de verdade” não come quando está “dentro” do casulo, afirmou que a dela comia (203).

Para a menina, aparentemente, não fazia sentido a existência de vida sem alimentação diária. Ao incluir comida dentro do casulo, Anna interferiu na realidade tornando-a mais coerente com suas concepções sobre vida. Além disso, não se pode deixar de lembrar que Anna disse que quem está dentro do casulo é a lagarta e, anteriormente, descreveu a lagarta pela sua voracidade: “a largata come, come, come”. Assim, não é de se estranhar que ela também precise ou “queira” comer quando está dentro do casulo.

A menina tanto imitou quanto transformou a realidade. As imitações ficam evidentes por meio das representações das diversas fases do ciclo de vida; do apetite voraz da lagarta; das diferenças anatômicas entre larvinha; casulo, lagarta e borboletas; da necessidade do contato com vegetais apresentadas pelas borboletas; dos aspectos morfológicos da joaninha e da necessidade que os filhotes (crianças) têm de ficar perto da mãe.

Entretanto, apesar da fidelidade nas imitações, pode-se constatar uma transformação da realidade ao verificarmos que a menina agrupou os elementos em seu desenho de uma forma inovadora, por meio de um processo criativo.

207. Celi: *A Anna já me contou, né? Tá lindo, Anna. Muito lindo. Mostra pra mim as bolinhas do seu... mostra aí, aqui na câmera. As bolinhas que é mesmo pra... que que são mesmo essas bolinhas?*
208. Anna: *É pra ela comer, a borboleta.*
209. Celi: *É pra borboleta comer, né?*
210. – *Ahn.*
211. – *Amiga.*
212. Celi: *Legal, Anna. Pode deixar em cima da mesa pra mim, se quiser ir pro pátio brincar.*
213. Anna: *Tá, vou esperar eles.*
214. Celi: *Tá. Alê, conta pra mim, mostra o desenho prá mim, e vai me mostrar, (e nem isso vai fazer.) ?????*
215. Alê: *É bor... borboleta. Tia, borboleta.*
216. Celi: *Ahn, que mais? Eu já vou aí.*
217. Jorge: *A gente tá demorando, não é Alex?*
218. Alê: *Esse aqui é o casulo.*
219. Jorge: *Alex, não é que a gente tá demorando.*
220. Celi: *Ah, que legal. E aqui? Isso daqui, o que é?*
221. Alê: *Arvre.*
222. Celi: *O que?*
223. Alê: *Arvre.*
224. Celi: *Ah, a árvore onde o casulo tá pendurado?*
225. Alê: *Tá aqui.*
226. Celi: *Legal, Alê. Muito obrigada, viu?*
227. Alê: *Olha, aqui, ó, ó...*
228. Celi: *Muito mesmo. Deixa ali em cima da mesa pra mim.*
229. Alex: *Ó, ó, olha aqui é a bolinha. É a bolinha.*
230. Celi: *E pra que servem essas bolinhas, Alê, Alex.*
231. Alex: *É prá crescer a taturana.*
232. Celi: *É prá crescer a taturana?*
233. Alex: *É.*
234. Anna: *Vamos lá brincar?*
235. Alê: *Vamos.*
236. Celi: *O que a taturana... O que essas bolinhas fazem?*
237. Alex: *A taturana entra aqui nas bolinhas e depois elas vira borboleta.*
238. Celi: *Ah, dentro das bolinhas.*
239. Jorge: *É o casulo, não é Alex?*
240. Alex: *Balançou a cabeça afirmativamente.*
241. Celi: *São os casulos, então essas bolinhas? Ô, Alex, que bacana.*
242. Celi: *Então conta pra mim seu desenho.*
243. Jorge: *Ah, tá faltando o número (...)*
244. Celi: *Conta seu desenho pra mim, Jorge. Vamos lá.*
245. Jorge: *Esse aqui é o casulo.*

246. Celi: *Hum.*
247. Jorge: *Daqui é... um... qualquer um.*
248. Celi: *É a joa...*
249. Jorge: *Joaninha.*
250. Celi: *Ah! É que você já tinha me falado, né? E o resto? Conta pra mim.*
251. Jorge: *Essa cá é uma flor prá borboleta ficar.*
252. Celi: *Hum.*
253. Jorge: *E essa aqui é outra borboleta, essa cá outra borboleta, essa cá outra borboleta, essa cá outra borboleta, essa cá outra borboleta, essa cá outra borboleta... essa cá é a flor prá borboleta ficar.*
254. Celi: *Muito bem, agora pode ir brincar lá, tá bom? Obrigada.*

Embora Alê tenha permanecido calado durante quase todo o tempo, quando interpretou o seu desenho mostrou ter participado da negociação com as outras crianças. Ele representou borboletas (25), um casulo (218) e a árvore (221). Interessante que a árvore foi desenhada de um modo bastante sintético, apresentando apenas a parte em que o casulo ficou pendurado (Figura 44).

Como pudemos constatar em outros desenhos do menino, seus casulos costumam ser representados sempre fixados em um galho de árvore, o que evidencia mais uma vez a concepção de que os animais precisam ter um lugar onde ficar.

Ao ouvir Anna pronunciar o termo “bolinha” (207), Alex passou a desenhar várias “bolinhas onde a taturana vira borboleta” (231). Como se pode perceber, Anna e Alex utilizaram a mesma palavra com sentidos diferentes. Enquanto para ela “bolinha” representava “alimento” para ele significava “casulo”.

Apesar de atribuírem sentidos diferentes para a mesma expressão, mais uma vez Anna interferiu no campo visual de Alex levando-o a visualizar casulos.

Parece-me que neste caso, ao proferir sua intenção de alimentar a lagarta, Anna estava utilizando a fala com a função egocêntrica. Entretanto, tanto minha interferência como a alteração no campo visual de Alex evidenciam que a fala assumiu uma nova função, tornando-se socializada a partir daí.

Quando Alex esclareceu sobre o significado das suas “bolinhas”, Jorge atribui um outro nome para elas: “casulo” (239). Isso ocorreu, provavelmente, porque a descrição de Alex levou Jorge a fazer uma imagem mental dos casulos

possibilitando que ele denominasse o desenho do amigo. Assim, mais uma vez, a palavra ganha sentido a partir do campo visual a que ela remete.

Em outro momento, Alex já tinha feito um casulo, representado por um traço em torno da borboleta adulta (figura 4:6). Esse tipo de desenho apareceu diversas vezes nas produções de outras crianças. Talvez isto indique que elas reconhecem o fato de que mesmo mudando de aspecto, todas as fases da vida correspondem ao mesmo animal havendo uma continuidade entre elas.

Além disto, a taturana que foi observada em sala de aula construiu um casulo com fio de seda (expelido por uma glândula bucal) e gravetos que o animal coletou no ambiente o que reforça ainda mais a concepção de que é um compartimento externo ao animal.

Um fato interessante foi constatado no desenho de Alex. O elemento “casulo” serviu tanto para estimular o menino a fazer representações sobre borboletas, quanto para concluir seu desenho. Esta seqüência é bastante significativa, uma vez que ao desenhar as fases de vida das borboletas encerrou a seqüência de representações justamente quando o primeiro elemento desenhado reapareceu, tal como acontece nas imagens circulares que costumamos utilizar para representar os ciclos de vida na área de Biologia.

Quando Jorge foi me explicar seu desenho, não se lembrou do significado da imagem correspondente à joaninha. Isso aconteceu apenas com esta figura.

É interessante que ele não tenha se lembrado desse inseto, uma vez que foi quem primeiro teve a idéia de representar esses animais interferindo nos desenhos das outras crianças.

Talvez ele não tenha se lembrado do significado daquele desenho porque a joaninha não apresentava relação direta com o ciclo de vida das borboletas e, naquele momento de síntese esta imagem parece ter perdido o sentido para o menino, uma vez que ela não se encaixava diretamente na cadeia de associações que ele construiu na hora de interpretar seu desenho.